

Transformações do Torcer: esportividades do olhar e olhares sobre a esportificação

Luiz Henrique de Toledo¹

Carlos Eduardo Costa²

¹Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

²Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, BA, Brasil

Resumo

Torcer é prática que se compromete ao universo das modalidades esportivas. Partindo das relações entre duas instâncias sensíveis – jogar e olhar –, torcer desdobra-se em jogos categoriais metafóricos e metonímicos, colocando em evidência disputas e apropriações pelos significados da prática. Olhares etnográficos incidem sobre um processo descrito na sociologia do esporte como esportificação, reposicionado aqui pela expressão “esportividade do olhar”. Mobilizaremos o torcer nos jogos categoriais presentes no futebol para alcançá-lo numa luta corporal ameríndia, espetacularizada nos rituais interétnicos do *egitsü*, Alto Xingu, BR, denominada *kindene*. Etnografias da esportividade, ou olhares sobre a esportificação, interpelam a ambição universalizante da aludida noção sociológica, que minimiza o caráter dialético da relação entre olhar e jogar.

Palavras-chave: Antropologia das Práticas Esportivas. Torcer. Futebol de Espetáculo. Lutas Corporais. Alto Xingu.

Transformations of Rooting for: sportiveness of watching and gaze on sportification

Abstract

Rooting for is a practice that is committed to the universe of sports. Starting from the relationship between two sensitive instances – playing and watching –, rooting for unfolds in metaphorical and metonymic categorical games, highlighting disputes and appropriations for the meanings of the practice. Ethnographic gazes focus on a process described in sport sociology as sportification, qualified here by the expression “sportiveness of watching”. We will mobilize rooting for both in the categorical games present in football, and in an Amerindian wrestling, spectacularized in interethnic rituals of the *egitsü*, Upper Xingu/BR, called *kindene*. Ethnographies of sportiveness, or gaze on sportification, challenge the universalizing ambition of the sociological notion alluded to, which minimizes the dialectical nature of the relationship between watching and playing. Another attempt will be to promote the Amerindian sportiveness to the centre of the debates on Xinguan sociality.

Keywords: Anthropology of Sportives Practices. Rooting for. Show Football. Amerindian Wrestling. Upper Xingu.

Recebido em: 13/10/2021

Aceito em: 22/12/2021



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Apresentação do Problema

Os modos de aferir significados ao ubíquo domínio torcedor advêm das experiências fixadas em imagens, nomes, categorias jurídicas, instrumentais, alegóricas, categorias de acusação, ou ainda taxonomias e classificações conceituais. Assumiremos que os termos desses conjuntos entram em regimes de jogos que os fazem interagir entre si. Veremos que categorias do torcer vicejam como metáforas ou metonímias, sejam a partir do controle simbólico daqueles que enunciam a perspectiva do jogar, sejam do próprio senso comum torcedor e ou midiático, sejam ainda dos trabalhos acadêmicos, que estabelecem suas categorias de análise e, assim, também entram nos jogos de nomeação e acoplamentos presentes no espalhamento do torcer¹.

A missão deste artigo é apresentar algumas conexões existentes entre formas de torcer que possibilitam o acesso aos fenômenos da ludicidade e da esportificação em paisagens contínuas e descontínuas. Passaremos a definir por etnografias da esportividade alguns deslocamentos analíticos: primeiro, aquele que reposicionará duas instâncias sensíveis de produção das práticas lúdicas e esportivas, olhar e jogar, ao mesmo movimento que sugerimos olhares etnográficos sobre o processo sócio-histórico da esportificação (ELIAS; DUNNING, 1992), orientando-a para uma esportividade do olhar.

Ao ofertarmos a expressão esportividade do olhar, não pretendemos, numa penada, renunciar à visão processual e de longa duração pressuposta no neologismo esportificação. Esportividade do olhar remete a uma distribuição mais equitativa do olhar etnográfico sobre as transformações recíprocas entre jogar e torcer. Esportividade do olhar é recurso metodológico de um modelo que intenta deslocar relativamente o objeto jogar, frequentemente atado a conceitos como esporte e jogo. Esse reenquadramento pretende apurar as metáforas eliciadas pelas faculdades perceptivas que enunciam as formas de torcer, consideradas, como o próprio jogar, metáforas tardias do olhar.

Nesse deslocamento metodológico, jogar é retirado do epicentro do modelo e deslocado para formar uma relação menos hierarquizante ou determinista com torcer. Desse modo, olhar passa a se colocar como epicentro num modelo que pretende explicitar o torcer na mesma intensidade conceitual com que tantas searas acadêmicas se dedicaram ao jogar.

Modalidades esportivas são apreendidas por diversas áreas do saber (científicas, aplicadas ou técnicas), que as tomaram por objetos interessados, cultivando métodos

¹ Para análise sobre taxonomias sociológicas, ver Giulianotti (2002). Para discussões sobre desdobramentos epistemológicos a partir de categorias conceituais presentes nos estudos sociológicos sobre esportes, ver Toledo (2019).

e saberes institucionalizados nas ciências do esporte, psicologia, fisiologia, estatística, medicina esportiva, economia, *marketing* esportivo, áreas da comunicação (publicidade, jornalismo, relações públicas), alcançando as humanidades.

Já perspectivas científicas devotadas ao comportamento torcedor foram praticamente circunscritas às ciências comportamentais, como a psicologia, e às ciências do social e/ou do simbólico, de modo geral, as ciências sociais. E, mesmo assim, com nítida predominância da sociologia e da antropologia, e mesmo dentro delas, são áreas muito circunscritas. Essas últimas, entretanto, estabeleceram poucas relações eletivas ou práticas no desenvolvimento dos esportes como fenômenos que conjugam variados interesses emprestados de outras áreas. Desse modo, as ciências sociais se mantiveram rigorosamente na esfera de um olhar, o que significa dizer que epistemologicamente jogaram “contra”, ou se mantiveram críticas, aparentemente impondo um distanciamento axiológico frente às estruturas sociológicas que alicerçam o campo esportivo do ponto de vista do jogar, lugar que abriga interesses de toda monta.

A despeito dessa perspectiva crítica, da qual, obviamente, somos signatários, modelos sociológicos mantiveram as esferas do jogar como epicentro conceitual do debate, o que não impediu que categorias analíticas aí mobilizadas acabassem mascarando a insistente hierarquia entre jogar e torcer. Tal fato pode ser evidenciado não somente numa desproporção a respeito dos estudos sobre futebol e comportamento torcedor, mas sobretudo nas extensões categoriais, que, mesmo coligidas com a intensificação dos trabalhos de perspectiva etnográfica, seguiram atadas às conceituações vindas de modelos que posicionam o torcer como ocorrência ou consequência histórica e ou sociológica do jogar.

Se o universo do futebol profissional é o campo fecundo de onde brotaram diversas análises sobre comportamento torcedor, o complexo regional alto-xinguano, tomado aqui a partir de uma luta corporal específica, modelo relacional de socialidade entre os povos que fazem parte de um vigoroso sistema político, apresenta conexões de sentido entre corporalidades e modalidades lúdicas competitivas com o aspecto aparentemente vicário e distanciado sugerido pelo olhar, que paulatinamente se engajou como torcer nesses domínios. Para realizar esse espraiamento na paisagem etnográfica, do futebol à luta xinguana, partiremos da melhor apreciação do referido modelo, denominado de “modelo das relações” (TOLEDO, 2019), que propõe a dialética entre olhar e jogar.

Primeiro, explicitaremos os pressupostos desse modelo, exemplificando-o a partir da ocorrência de algumas formas históricas mais estabilizadas em categorias referenciadas ao torcer. Movimento observado no interior do contexto brasileiro, cuja expansão metafórica do olhar em torcer se deu em boa medida orientada pelo campo hegemônico do futebol profissional masculino e de espetáculo. Esse futebol quase sempre interpela comportamentos torcedores em outras modalidades esportivas, tornando-se referência deliberadamente imitada ou contrastada de onde se emulam as formas de torcer.

Em seguida, trataremos o olhar transfigurado em torcer em outro contexto etnográfico, a luta alto-xinguana, especialmente a que se realiza durante os rituais interétnicos *egitsü*, mais conhecidos como Quarup².

² O *egitsü* é um ritual pós-funerário em homenagem aos chefes falecidos. Trata-se de um conjunto de festas entre os nove povos que fazem parte desse complexo regional, tendo na luta corporal *kindene* a atração mais aguardada.

É ponto relevante na literatura etnológica alto-xinguana destacar como as interações entre os povos passaram por transformações no sentido da pacificação das relações, ratificada no tripé das trocas matrimoniais, comerciais e cerimoniais (MENGET, 1978; MENEZES BASTOS, 1989; GREGOR, 1990). Visamos observar o desenvolvimento desse complexo regional não apenas no sentido sociológico da esportificação de práticas contendoras e bélicas, que ditaram a dinâmica da socialidade interétnica pela via da economia simbólica da luta e das chefias, mas avaliar também o apuro da esportividade do olhar, que, ao mesmo tempo, oferece olhares sobre a própria esportificação.

Esportificação é um neologismo de grande impacto na sociologia do esporte, proposta seminal de Norbert Elias (1992), compondo com os termos industrialização e parlamentarização o tripé categorial que qualifica as formas históricas da competição, *leitmotiv* daquilo que ele denomina de processo civilizatório (ELIAS, 1994).

O processo civilizatório, que na acepção elisiana é formado por um feixe de cadeias de interdependência, sem a ocorrência de determinação³, enuncia um novo ethos ou domesticação das pulsões que levaram à apoteose da sociabilidade burguesa. E somado ao processo econômico da industrialização, e político da parlamentarização, cujos efeitos fizeram introjetar a pacificação na resolução dos conflitos, articulam-se os passatempos modernos, os esportes, sobretudo, que contribuíram com esse processo “de dentro” do próprio processo, e não apenas determinado por ele.

Essa figuração acaba oferecendo uma paisagem totalizante e de movimento contínuo, ou resultante da cristalização de sentidos em formas historicamente reconhecíveis e determinadas (MICELI, 1999, p. 120), mas que, ao nosso juízo, deveriam prestar contas ao caráter multiculturalizado de fenômenos, por exemplo, as apropriações do futebol. Aqui, nos afastamos desse caráter totalizante para empreender um ponto de vista etnográfico, daí preferirmos usar, como já salientamos, o termo esportividade, sugerindo uma etnografia da esportividade e não da esportificação, para aferir os efeitos não apenas do processo mais totalizante, implicado na noção de esportificação, mas assumir outras exegeses categoriais ou olhares em dialética com ela.

2 O “efeito matrioska” das Metáforas

Categorias explicativas, referentes aos fenômenos do torcer, podem ser analogicamente dispostas como peças num jogo ou artesanato lúdico, como numa matrioska, brinquedo em que suas partes se acoplam e desacoplam umas das outras.

A bibliografia sobre o *egitsü* é extensa e tematicamente variada: Agostinho (1974), Carneiro (1993), Junqueira e Vitti (2009) sobre as origens mitológicas, relações interétnicas e principais aspectos organizacionais. Guerreiro (2012; 2015) e Fausto (2017) sobre a relação do ritual mortuário com a chefia. Ainda Costa (2013; 2022) especificamente sobre a luta: ver em <https://youtu.be/VYuRF15FJh0>. Esse vídeo da Associação Yawalapiti Awapa sintetiza alguns dos principais acontecimentos. Acesso em 9/2021.

³ Alguns comentadores atentam para o fato de que a questão da determinação é fulcral na teoria sociológica elisiana, por se tratar de um espalhamento pelas cadeias de interdependência ou “redes de constrangimentos cruzados”, feitas e refeitas num jogo de interações não planejadas e ininterruptas de relações: “A civilização pulsa de vários lugares [...] essa determinação esparramada, invasiva e ubíqua faz valer seus efeitos e consequências sobre todos os grupos e forças sociais constitutivos de uma formação histórica, deixando-se, ao mesmo tempo, impregnar pelas distintas clivagens – superiores x inferiores, homens x mulheres, velhos x jovens etc. – em que se alicerçam as modalidades estruturais da competição” (MICELI, 1999, p. 118).

O brinquedo artesanal ou jogo que compõe o conjunto variável de bonecas nomeadas por matrioskas, comumente confeccionado em madeira, revela a experiência lúdica de acoplar e desacoplar figuras ocas e maciças umas dentro das outras. Não há qualquer dificuldade em encontrar trabalhos em diferentes domínios do saber que não produzam analogicamente alguma “anarquia metafórica” (ALMEIDA, 1999, p. 6) inspirada no souvenir.

A propósito, o antropólogo Mauro Almeida, aludindo ao pensamento lévi-straussiano, oferece uma definição a respeito de metáfora: “A metáfora é um abuso de linguagem cuja fecundidade criadora consiste em sua capacidade para transpor domínios semânticos determinados por regras, para atuar ‘fora de contexto’ por definição” (ALMEIDA, 1999, p. 10).

Já para Roy Wagner, desde a noção de obviação proposta em *Lethal Speech* (WAGNER, 1978), o mundo das eliciações culturais inventadas e convencionalizadas seria todo preenchido, digamos, por linguagens abusivas. E elidindo a separação entre literalidade e figuras de linguagem (significação lexical convencional e extensão criativa de significado) sugere que categorias, conceitos, nomes, remetem ao mesmo tempo a imagens e objetos literais e analógicos uns dos outros, saídos uns dos outros, significados e significantes uns dos outros em extensões recíprocas: “[...] na imagem, ao mesmo tempo que há uma relação imediata entre coisa e o símbolo, há excesso de significação” (DULLEY, 2015, p. 125).

Nesse sentido, metáforas e metonímias seriam projeções criativas que se expandem umas das outras, umas dentro das outras, sugerindo ao nosso entendimento um “efeito matrioska” ou de mandalas cujas imagens modeladas e inconclusas são oferecidas como analogias aos processos de significação, ou melhor, extensões contínuas de sentidos.

Sem a pretensão de levar mais adiante as possibilidades dessa exegese semiótica wagneriana, nossa intenção, bem mais modesta, será iluminar aquilo que passaremos a definir por jogos categoriais, que delimitam os comportamentos ou o conjunto de práticas denominadas de formas de torcer (TOLEDO, 2022), tendo, em princípio, o fenômeno sociopolítico e cultural do futebol masculino de espetáculo (DAMO, 2007) como agente pivotante dessas manifestações, que podem ser extrapoladas para contextos mais descontínuos. Antes de enunciar algumas dessas categorias do torcer, foquemos no modelo proposto que pretende reposicionar conceitualmente a categoria mais genérica torcer diante do jogar.

2.1 O Modelo das Relações

O tema do torcer já foi objeto socioantropológico numa bibliografia que o definiu como engajamento lúdico de feições culturalistas (LEVER, 1983), até alcançar análises mais sócio-históricas que o delinearam a partir de processos induzidos pelo espraiamento do jogar (MELO *et al.*, 2012). Conceitualmente, torcer foi tematizado também como partícipe de um campo mais complexo de forças centrípetas, como já mencionamos, tendo o jogar como epicentro nas análises inspiradas e/ou correlatas ao programa bourdieusiano de campo (competitivo) esportivo (BOURDIEU, 1983; 1990). Nesse caso, torcer se colocou

também como efeito de forças mais determinantes. Já do ponto de vista etnográfico, torcer amparou perspectivas que se focaram nas formações dos coletivos e associações torcedoras, indutoras de projetos políticos imbricados na sociabilidade popular e formas juvenizadas transgressoras (TOLEDO, 1996; DAMO, 2002; TEIXEIRA, 2003), mas, ainda assim, gravitando com mais ou menos autonomia em torno do jogar. Aqui torcer aparece atado a noções como pertencimento clubístico (DAMO, 2002).

Se jogar diz respeito diretamente aos domínios da prática corporal, valorizando todo um conjunto de saberes, que paulatinamente se beneficiaram da orientação consumptiva, transformando domínios lúdicos em espetáculos para serem vistos, torcer não deve ser concebido como mera apreciação reativa, recreativa ou epifenomênica dentro desse processo, ainda que muitos saberes em torno do jogar tenham levado o torcer nessa direção.

Torcer foi definido ora como um papel ou estilização sociológica funcional (de divertimento, lazer, brincadeira, consumo), ora subsumido às funções subjetivas e, nesse caso, balizando interpretações psicologizantes, que o movem dentro de uma acepção inalienável e essencialista. Nessas imagens, prevalece a ideia de torcer atada à noção de indivisibilidade da pessoa torcedora, fruto de uma ordem concebida como íntima e pessoal. Esse tratamento pode ser analogicamente atribuído à menor das bonecas no jogo de matrioskas, cuja condição maciça guardaria substância original e essencial de todo o brinquedo, replicada, mas apenas na forma oca, nas outras bonecas “irmãs”, ou cascas, que a recobrem.

Afinal, torcer seria uma categoria subsidiária na morfologia sociológica esportiva, uma qualidade psicológica amparada na personalidade ou, o que defendemos, um princípio simbólico reversível ou significante flutuante (LÉVI-STRAUSS, 2003) em permanente dialética com o jogar?

A hipótese do modelo das relações toma a condição vicária do olhar e a esportividade do olhar como instância doadora universal para todo o sistema esportivo. Ninguém nasce jogador, dirigente de clube de futebol ou jornalista esportivo e, claro, ninguém nasce torcedor, embora, levando em conta todo um ciclo de vida de alguma maneira engajado nos esportes, essa seja, provavelmente, a primeira condição de aparição da pessoa esportiva, ou a primeira demanda metafórica imposta coletivamente à pessoa transfigurada numa ordem emocional e subjetiva, herdada muitas vezes de círculos familiares e relacionais próximas. De modo geral, a condição torcedora, sempre latente, também é aquela que encerra ciclos de profissionais acolhidos pelo ponto de vista do jogar (ex-jogadores, ex-cronistas, ex-dirigentes, ex-árbitros).

Em suma, o modelo das relações coloca em relação dialética aquilo que uma literatura sociológica variada em termos paradigmáticos evidenciou como desdobramentos de uma partilha sócio-histórica hierarquizante entre duas instâncias sensíveis e constitutivas das práticas esportivas, a saber, a cisão entre jogar e torcer.

2.2 Jogar Olhado e Olhar Jogado

Para efeitos de presunção do modelo, as práticas do jogar e do olhar são tomadas como matrizes geradoras de metáforas, estimuladas pela formação daquilo que a literatura já definiu por campo esportivo, lugar das posições em que atores funcionais são motivados por interesses. Deve-se notar que tais interesses ou *habitus* são evidentes e, de fato, constituem a dinâmica sociológica das práticas (BOURDIEU, 1983). Porém, não menos importante é chamar a atenção para as transformações dessas metáforas em categorias de ação, que recalcam as fronteiras e as distâncias conceituais definidoras de quem joga e de quem torce. Se nos detivermos no nível relacional dos interesses, acabamos por mascarar a dialética prevalente entre o olhar e o jogar, promovendo apenas a convencionalização das formas de jogar e de torcer. Daí o modelo das relações tomar essas qualidades sensíveis numa instância relacional menos dicotômica, em sínteses denominadas de jogar olhado e olhar jogado.

Jogar necessariamente remete à ideia de movimentos sincronizados dentro de um campo visual, que permanentemente ajusta a memória corporal de quem, de fato, pratica algum movimento considerado esportivo mesmo que solitariamente. Todo praticante é posicionado a partir da execução de técnicas sucessivas, movimentos físicos continuados em expressões comunicativas que, não obstante, vão além da fisicalidade, uma vez que continuamente o orienta. Daí que todo jogar é manifestação de um jogar olhado, desde que orientado, instruído e administrado por todos aqueles que se colocam na condição de produtores do ponto de vista do jogar. Jogar olhado confere às ações ocorrências previsíveis e recursivas, transfiguradas em beleza atlética, eficácia, emoção, impactando muitos olhares, sejam de torcedores, dirigentes, da mídia, enfim, despertando atenções políticas e/ou econômicas voltadas para o jogar. Desses pressupostos decorre que todo jogar também é um experimento do olhar, assim como todo olhar pressupõe alguma forma de jogar na partilha política do sensível (RANCIÈRE, 2005).

Já em relação ao torcer, tomado como metaforização tardia do olhar, trataremos de enunciar algumas de suas transformações. Torcer foi sociologicamente definido como forma histórica desdobrada do jogar, proveniente das transformações dos jogos e passatempos ocidentais, traduzido em movimentos de entrega corporal e técnicas expressivas coletivas, assumindo espaços existenciais e políticos próprios, diríamos táticos, dentro das esferas do jogo. Essa extensão metafórica do olhar mantém com o jogar uma relação dialética, daí que todo torcer é consequência de um olhar jogado. Essa dialética evita que determinações factuais e especulativas sinalizem sobre quem, afinal das contas, numa hipotética primeira manifestação do jogar, estabeleceu o primado de quem veio primeiro, se o jogar ou o torcer.

2.3 O Torcer Dentro de Jogos Categoriais na Sociedade Envolvente

As narrativas sobre torcedores no Brasil mobilizam muitas analogias e imagens. Historicamente torcedores foram denominados pela categoria coletiva assistência, que já evidenciava o papel de distanciamento em relação aos atributos sensíveis do jogar. Outra

categoria acionada à mesma época foi sócio e, juntas, formavam um primeiro repertório de termos que tiveram nas narrativas jornalísticas seus usos mais continuados, desde os primeiros decênios de atividade esportiva, na virada do século XIX para o século XX.

Sócio designava aquela figura mais engajada e comprometida, que se vinculava aos clubes (associativismos que ofereciam práticas esportivas), e que condensava várias experiências, do jogar ao torcer, dentro daquelas entidades esportivas ainda de pequena escala. A figura do sócio se mantém em boa parte nos clubes de futebol da atualidade, ocupando lugares recreativos, administrativos e ou políticos, já que jogar ganhou substantiva autonomia com os regimes de profissionalização.

A formação de comunidades cada vez mais interessadas na atividade expressiva e corporalizada do olhar (um olhar jogado, que remete à não passividade, estendendo os significados originais evocados na neutralidade do termo assistência), chancelou a viabilidade econômica, quer dizer, a possibilidade da mercantilização da prática amparada no racionalismo político, conferindo um comprometimento recíproco à relação entre o jogar com o torcer na forma dos espetáculos esportivos.

Assistir (assistência) passou a expressar maior engajamento emocional com o olhar transfigurado em torcer (torcida), embora, obviamente, tais nomeações provavelmente tenham origens sobrepostas. O fato é que poucos usam, ou ninguém mais, sem antes prospectar alguma memória histórica, o termo assistência. No processo de metaforização de seu significado original, assistir desdobrou-se em várias funções semânticas tensionando as percepções entre jogar e olhar.

É notável como o termo assistência foi retido em outra categoria para além de torcer, assumindo convenções simbólicas dentro de uma categoria mais política e ubíqua: público. Deve-se atentar que público é termo universalizante que designa tanto dinâmicas gregárias nas retóricas políticas quanto atribui forma abstrata aos torcedores em espetáculos esportivos, não obstante ambos orientados por perspectivas convencionalizantes, seja pelo jogo da representação político-institucional, seja pela perspectiva do jogar. Respalda por implicações da racionalidade contratual, a noção de público se agrega aos processos de longa duração que dizem respeito aos pactos de associação entre indivíduos juridicamente iguais amparados nas relações entre direitos e deveres, apanágio das sociedades ocidentais.

Assistir, e sobretudo torcer, em princípio um verbo de ação, abrigou uma corporalidade, sobretudo, feminina, que decisivamente reorientou uma assistência meramente contemplativa. Aliás, foram as torcedoras que em grande medida converteram o olhar à prática corporalizada do torcer, promovendo uma assistência bisonha em torcida, conferindo sentido às corporalidades transfiguradas em um jogar junto com os jogadores, expressões, enfim, de um olhar jogado. São *performances* que, evidentemente e até hoje, são reconhecidas na prática do torcer⁴.

⁴ Ainda à espera de análises mais densas, mas como hipótese, pode-se afirmar que o gostar de futebol convertido em prática pública no âmbito feminino foi um processo no mínimo sinuoso, aparentemente menos interdito e cerceado se comparado ao jogar feminino (BONFIM, 2019). O que não quer dizer que o torcer feminino também não estivesse, e ainda se mantém, repleto de entraves marcados pela sociabilidade misógina. Gostar e torcer podem ser tomados como dois movimentos generificados distintos dentro dessa dinâmica de subjetivação na formação de torcidas, que se formaram predominantemente em torno de valores masculinizantes. Mas é inegável e paradoxal que às mulheres torcedoras coube os contornos das primeiras definições sobre o engajamento torcedor nos ajuntamentos mais expressivos em arquibancadas na medida em que tiraram os espectadores do seu imobilismo recreativo e passivo masculinizantes.

Ainda do ponto de vista do jogar, categorias como público e público esportivo passaram a definir e a conferir um vetor histórico restrito às práticas mais erráticas do torcer, motivadas e controladas pelas convenções presentes no futebol rumo às formas institucionalizadas de espetacularização.

Mas a própria categoria convencionalizante de público e suas adjetivações público esportivo ou público torcedor estiveram sujeitas às novas ressemantizações dentro dos jogos categoriais da perspectiva daqueles que controlam as convenções do jogar, abrigando dentro de si (ou familiarizando domínios contíguos) outras categorias que cumprem reatualizar os sentidos da sua generalidade orientada por diversos fatores políticos e econômicos. Constata-se que contemporaneamente outras categorias tendem a se abrigar dentro de público, turvando ou acentuando ainda mais as tensões entre jogar e olhar, ou entre culturas do torcer no interior da formalização das práticas esportivas.

Esse processo, formando um conjunto aparentado de novas categorias, cuja figuração política do torcer decorre de outras como a de público esportivo, se metaforiza nas expressões sócio-torcedor, consumidor torcedor e cliente (SIMÕES, 2017), categorias provenientes de uma reestruturação do futebol de espetáculo pelas entidades privadas que o dirigem, ocorrida pelo menos desde os anos de 1990 mundo afora e que vão dando contornos ainda mais genéricos ao estatuto de torcer.

Embora a metáfora de sócio esteja agora presente em sócio-torcedor, essa partícula já não detém as prerrogativas originais que auferiam direitos políticos na condução do associativismo clubístico. A moderna acepção de sócio revela, na verdade, aquele que está desobrigado de quaisquer direitos legais dentro de modelos associativistas ou mistos de capital aberto que gerenciam os clubes.

Separado do jogar pela assunção da categoria de público esportivo, em mais uma expansão do conjunto categorial em que torcedor passa a ser definido também como consumidor, torcer separa-se, inclusive, de esportivo ou até mesmo da função semântica política original associada a público, promovendo a esfera econômica do consumo como referente central na sua definição. Dentro desse jogo de categorias, torcedores e torcedoras assumiriam os desígnios de uma emoção consumerista, ou que dela pode ser extraída de maneira tangível e quantificável na forma de bens de troca, estabelecendo uma razão consumptiva.

É claro que a ideia de consumo é polissêmica e submetida às metaforizações também da perspectiva do torcer. A própria dinâmica das transgressões entre torcedores pode ser percebida como jogos agonísticos de consumo, porém, é preciso dar conta de que não se pode deslizar pelas categorias sem levar em conta as valências distintas ou, para manter a brincadeira das bonecas, desconsiderar a artesanania específica e local que cada constructo guarda ao elaborar suas metaforizações. Diríamos que não se pode misturar sem consequências as bonecas tomadas dos conjuntos de jogos categoriais distintos.

Assistência, público esportivo, público torcedor, consumidor esportivo e sócio-torcedor conduzem às transformações que levam à produção espetacular do futebol, constituindo conjunto muito comprometido com a perspectiva do jogar. Não obstante, outros conjuntos e jogos contíguos de categorias, porém discretas, orientam a perspectiva do olhar jogado, formando um novo domínio na dialética entre esses modos simbólicos tensionados pela convenção e diferenciação do torcer. Aqui, a esportificação, como um processo carregado

de linearidade sócio-histórica, novamente se revela cindida por processos diferenciadores e experimentações expandidas também do ponto de vista do torcer.

As convenções e extensões metafóricas, compromissadas com a esportificação, ampliam ainda mais os efeitos de afastamento entre jogar (atividade cada vez mais pecuniária) e torcer (atividade presa às noções lúdico-recreativas). O que não deteve o aparecimento, nas sucessivas décadas, de categorias mais ambíguas, que, da perspectiva do torcer, passaram a disputar significação com a seriedade da expressão público torcedor.

Se, do ponto de vista do jogar, as categorias assistência, público esportivo, público torcedor, consumidor esportivo, sócio-torcedor e cliente conduzem às transformações convencionalizantes no interior do processo de produção espetacular do futebol, outras, como massa, povo, galera, bonde, pista etc., compõem o conjunto de categorias diferenciadoras atentas às demandas vindas dos torcedores e torcedoras.

Portanto, torcedores, torcedoras e torcidas alimentam um amplo repertório de categorias analíticas, tipológicas e taxonômicas, servindo como categorias doadoras de significados e imagens também no âmbito das análises acadêmicas sobre o jogar e o torcer, tema ou desdobramento para ser discutido em outra oportunidade. Passemos agora para as implicações do olhar em torcer numa paisagem mais descontínua, o Alto Xingu, para verificar as possibilidades de extensão (mas também torção) do modelo das relações.

2.4 O Torcer na Luta Corporal Alto-Xinguana

Uma das principais preocupações conceituais sobre o diversificado conjunto étnico e linguístico que habita a região conhecida como Alto Xingu, na porção sul do Território Indígena do Xingu (TIX)⁵, é considerar os limites que os diferenciariam de povos vizinhos, uma pretensa ideia de totalidade, ou ainda, a “especificidade alto-xinguana” (HUGH-JONES; GUERREIRO; ANDRELO, 2015, p. 700). Os povos tradicionalmente descritos como formadores desse complexo regional são: Kalapalo, Kuikuro, Matipu e Nahukua (karib); Yawalapiti, Wauja, Mehinaku (arawak) e Aweti e Kamayurá (tupi). Vivem segundo um regime de trocas matrimoniais, comerciais e cerimoniais, sendo que o universo ritual é tido como a língua franca nesse sistema de comunicação.

A região foi alvo de vasta produção bibliográfica sobre diversificados temas⁶, sendo que a luta corporal é descrita desde autores pioneiros como Steinen (1940), Murphy e Quain (1955) e Schaden (1965). Após a delimitação da TIX, autores passaram a dar conta do universo relacional que se estabelecia em torno dos regimes de trocas que se formavam e, paulatinamente, abandonavam a prática guerreira (AGOSTINHO, 1974; MENGET, 1978; MENEZES BASTOS, 1989; GREGOR, 1990) consolidando o que ficou conhecido como pax xinguana. Essa referendada transformação entre guerra e ritual, situada tanto nos discursos nativos como nos referenciais teóricos, será aqui trabalhada a

⁵ O TIX está localizado em Mato Grosso, BR. Ao longo do percurso encontram-se inúmeros agrupamentos indígenas no entorno dos três principais formadores do rio Xingu: os rios Culue, Curisevo e Ronuro. Para detalhes do Decreto Lei n. 50.455 de 14 de abril de 1961, que delimitava a área: Lea (1997).

⁶ Dentro de nossos propósitos, realçamos o chamado “idioma da corporalidade” e os processos de fabricação do corpo (VIVEIROS DE CASTRO, 1977; 1979; SEEGER; DAMATTA; VIVEIROS DE CASTRO, 1979) diretamente atrelados ao universo da luta ritual. Para variedade temática de pesquisas na região: Coelho (1993) e Franchetto e Heckenberger (2001).

partir das posições variáveis assumidas por lutadores e torcedores durante os confrontos interétnicos. Apesar da diversidade desse complexo cerimonial, tomaremos especificamente o ritual pós-funerário egitsü, mais conhecido como Quarup, como tema central, por ser nele que se desenrola a “luta de verdade” (kindene hekugu).

A kindene, também conhecida por huka-huka, é uma modalidade de combate agarrado entre dois oponentes em que o objetivo é alcançar a parte posterior da perna do adversário, segurá-lo por trás ou aplicar algum arremesso. É um combate muito técnico, com enormidade de golpes e táticas, em que os competidores fazem movimentações em círculos antes de se chocarem visando a agarrar mãos e pescoço do adversário. A intenção é deslocar e causar desequilíbrio para que se possa chegar à parte posterior da perna do adversário, resultado que, devido à distância entre lutadores e torcedores, pode gerar dúvidas e contradições sobre resultados, insuflando ambíguas comemorações. Atualmente, e como forma de lidar com essa ambiguidade, cada torcida envia representantes que ficam próximos aos lutadores exatamente para olhar os combates. Os chamados nginiko (lit. “olhadores”) são ex-campeões que se aproximam dos lutadores e chamam a participação das torcidas cada vez que um golpe deixa margens para dúvidas. Por vezes, ambos chamam resultados diferentes, ao que são acompanhados por suas torcidas, transferindo as emoções entre os competidores efetivos e seus coletivos torcedores formados (COSTA, 2021).

Os combates são rápidos e intensos, com amplo predomínio dos empates – não perder é uma das principais qualidades dos grandes campeões. Importante notar que as lutas entre os campeões acontecem separadas, uma de cada vez, o que tem por objetivo dar visibilidade aos grandes lutadores. Esses campeões, que passam por processos diferenciais de fabricação dos corpos e formação da pessoa durante a chamada “reclusão pubertária” (COSTA, 2020), são apresentados no âmbito regional como futuros potenciais chefes e, nessa fase da vida, ser um campeão é fundamental na construção de sua biografia. Os demais combates, que seguem a mesmas regras e desenvolvimentos, ocorrem ao mesmo tempo, com mais de 20 lutas simultâneas.

Outra divisão organizacional é aquela que se estabelece entre os times competidores: os anfitriões enfrentam os convidados separadamente, fazendo bem mais combates que seus adversários. A dinâmica relacional, ancorada no parentesco, faz com que um regime de alianças e oposições parta das relações entre os chefes e os homenageados falecidos. Parentes consanguíneos de um morto farão parte de um mesmo time de luta, serão aliados aos anfitriões, e se defrontarão contra os demais convidados⁷. Tal dinâmica é situacional, alterando os times de luta e as torcidas a cada novo ritual em homenagem aos falecidos de cada ocasião, o que ressalta a ideia de tetsualü, a “mistura”, o “colorido” entre os povos da região (MEHINAKU, 2010).

Essa multiplicidade étnica e linguística, vivenciada num período de abandono das práticas guerreiras em nome das trocas matrimoniais, comerciais e cerimoniais, acabou por redimensionar as relações interétnicas entre os distintos povos que se encontram na região. Tomaremos aqui, via o modelo das relações, a maneira como a luta ritual é exemplo típico dessa transformação. Em um primeiro momento, em que a instabilidade

⁷ Para melhor apreciação sobre as posições rituais (donos do morto, donos dos convidados, coordenadores, convidados, aliados, convidados) e o sistema de convites, Guerreiro (2012, p. 49, 419). Aqui especificaremos a partir dos times de luta: anfitriões mais aliados *versus* convidados, posições cambiáveis a cada evento.

das relações e a possibilidade da atividade guerreira eram uma constante vivida, havia certa indissociabilidade entre guerra e ritual, no sentido de que ambas eram realizadas nas mesmas épocas e entre os mesmos povos, o que dependia de um conjunto de fatores. Isso é comum, tanto na literatura mais específica sobre o tema da guerra na região como também nas muitas estórias que se contam sobre incursões guerreiras e o extermínio de povos.

Isso fica evidente em autores mais antigos (supracitados Steinen e Schaden), que apontam como a relação entre as torcidas era de tal monta que sua participação era quase nula, abstendo-se de comemorações ou provocações, exatamente dada a ambiguidade que colocava frente a frente potenciais inimigos, embora estivessem a competir na modalidade de luta. Todavia, devido aos processos de transformações pelos quais a região passou, conhecido por pax xinguana, esse conjunto de povos, por vezes reunindo alteridades sob o mesmo nome numa mesma aldeia apesar de suas diferenças internas, acabou por consolidar esse sistema regional. Paulatinamente outros povos deixaram de ser convidados, o que nos foi dito ser em razão da ausência de lutadores. Com isso, as *performances* dos torcedores se tornaram mais ativas e é nesse sentido que chamamos atenção para tais transformações do torcer, uma vez que a participação deles nos combates é cada vez maior, novamente conectando com o modelo das relações.

Se antes a comemoração era de uma assistência mais contida, hoje ela é chamada a acontecer a partir da figura do “olhador”, daí o destaque para tais transformações, muito embora, e apesar da consolidação da pax xinguana, como em qualquer outro ambiente esportivo e de disputa, rivalidades possam se aflorar e brigas ocorrerem, de onde é fundamental a atuação dos chefes para acalmar os ânimos. Parece ocorrer, neste caso, uma analogia entre esse contexto da luta alto-xinguana e o futebol profissional tratado acima, em que a percepção contemplativa do olhar da assistência paulatinamente se transformou num olhar jogado de grande apuro corporal na definição daquele torcer.

2.5 Multiplicidades Relacionais e a Metáfora das Bonecas Russas

Em texto sobre o panorama do estudo das artes indígenas, partindo da relação entre presença e crença e todo debate subsequente sobre a noção de eficácia e agência na relação entre produção de artefatos e performances rituais, Fausto (2014) utiliza a imagem das bonecas russas como inspiração para tratar de um problema conceitual na Amazônia: a relação entre dualidade e multiplicidade. Por certo, não faremos aqui debate específico sobre esse tema, antes, recuperamos, tal qual o autor, a imagem das bonecas como inspiração para outros assuntos. No caso, Fausto propõe que a multiplicidade transformacional das metamorfoses ligada às máscaras seria mais produtiva do que a dualidade roupa-animal x alma-humana para descrever os rituais de máscaras e as relações com seres cosmológicos alto-xinguanos, conhecidos como itseke, comumente traduzidos por “espíritos”. Esses espíritos são agentes responsáveis pelo “roubo da alma”, causa de enfermidades que, para serem solucionadas, aquele que teve sua alma roubada passa a ser dono do ritual em homenagem ao espírito.

Esse assunto é frequente na literatura da região, a questão trazida, porém, visa a mostrar como a multiplicidade é colocada nos rituais e nas *performances* adjacentes, daí a imagem das bonecas russas como superação para a dualidade. É na multiplicidade, nesse acoplamento de novas figuras que a relação entre invólucro e conteúdo se configura. Na pessoa humana, que em si já é dividida em corpo e almas, no plural, são adicionadas máscaras que também são múltiplas. Para a eficácia do ritual, todo esse processo transformacional se faz por meio de *performances* diferenciais e posições específicas. Como exemplo, o autor cita os “donos das ervas” que são os responsáveis pelo processo conhecido como fabricação dos corpos dos lutadores durante o período de reclusão pubertária e os procedimentos exigidos na formação de um campeão.

O debate entre o dois e o múltiplo, metaforizado na imagem das bonecas, é tratado a partir dessa multiplicidade performática, acionada por meio da incorporação obtida com pinturas corporais, máscaras, relações cosmológicas com seres extraterrenos. Por extensão, nossa proposta, seguindo o brinqueado que acopla e desacopla dinamicamente, é demonstrar como nos rituais interétnicos, especialmente nos ritos pós-funerários do egitsü, uma noção de multiplicidade sociológica também pode ser antevista, inspirada nas bonecas russas. Essa diversificada noção de totalidade, que se altera a cada novo ritual em função das relações de parentesco entre chefes e homenageados, é refletida nas relações entre torcedores e lutadores.

Para os Kalapalo⁸, kuge hekugu (gente de verdade) é um tipo de autorreferência, saindo do otomo, algo traduzível por “o pessoal de”, denotando proximidades familiares, geralmente relacionada a algum território. Os kuge (gente) seriam aqueles com quem se estabelece relações interétnicas, seja por meio dos rituais, das trocas comerciais, matrimoniais, das lutas, enfim, os nove povos que dividem um mesmo modo de vida, com características como a dieta à base de peixe, o pacifismo, as aldeias circulares, a evitação entre afins. Os ngikogo seriam os “outros diferentes”, populações indígenas com contatos esporádicos, povos “feios, bravos”, a imagem da alteridade distante, perigosa. Por fim, os kagaiha, “brancos”. Saber lutar é condição essencial para ser considerado kuge, isto é, a luta, entre outros aspectos, assume a condição de mediadora de relações de alteridade.

Seguindo essa dinâmica relacional, que associa e diferencia por meio de gradientes de distância, Patrick Menget (2001) destaca que a ideia de totalidade no sistema alto-xinguano estaria concentrada em duas instituições: o sistema de parentesco e a guerra, principalmente pelos processos de captura de nomes. Também não nos ateremos a esses fundamentais assuntos, especialmente dadas as transformações entre guerra e ritual vivenciadas pela luta, mas às noções que Menget desenvolve sobre os chamados “níveis morfológicos” na tentativa de identificar os elementos de identidade e alteridade presentes nas relações intra e interétnicas: o fogo doméstico, o nível mais intrafamiliar; a aldeia, nível intermediário e o nível regional, marcado principalmente pelo conjunto de cerimônias interétnicas.

Como visto, seja por meio das categorias sociológicas da alteridade, seja pelas espacialidades marcadas, o que ocorre é um modelo relacional ao qual se somam ou se

⁸ Povo junto ao qual um dos autores deste texto realizou 14 meses de pesquisa de campo para confecção de tese de doutorado (COSTA, 2013).

retiram níveis, camadas, que aqui trataremos não somente desse ponto de vista enunciado por Menget, mas metaforicamente segundo a imagem das matrioskas. Partindo da sociabilidade mais infra, o aparentamento no núcleo doméstico e sua expansão espacial, primeiro para o pátio da aldeia, o público, o local das conversas no fim de tarde, tal dinâmica alcança o sistema regional, as relações interétnicas marcadamente rituais, local da socialidade, expandindo-se ainda mais quando se sai dos limites dos que são considerados “gente” (kuge).

Olhar para esse intrincado sistema de alianças e de oposições que compõem o universo ritual permite entrever a relação de fundo que aqui nos interessa, ou seja, entre os lutadores no momento máximo de suas apresentações – o egitsü – e os conjuntos torcedores que se alteram de acordo com as relações de parentesco entre os chefes e os homenageados falecidos.

No caso alto-xinguano, e toda a discussão sobre o caráter biográfico dos lutadores campeões, da individualidade (BARCELOS NETO, 2012), o que ocorre é que a fabricação de seus corpos e a formação da pessoa estão atreladas aos seus resultados nas lutas durante o egitsü. Ao demonstrar esse caráter biográfico, que chamaríamos de primeira matrioska, se sobreporiam a ela outras que modulariam todo um conjunto relacional, que sai de um nível mais restrito, familiar, e vai se ampliando, agregando camadas, até que se chegue ao que poderíamos chamar nível mais elevado, que é exatamente o confronto final do egitsü. Momento único no conjunto de relacionamentos interétnicos em que todos os povos estão presentes num mesmo espaço/tempo.

Então, ao sair do lutador campeão, sua família nuclear (o otomo), passando por sua aldeia, pela relação entre donos e aliados, temos um acoplamento tal como o das bonecas que, ao final, irão se defrontar contra outras formadas por processos análogos. Tomamos, a partir da ideia das matrioskas, aquilo que diversos autores já trabalharam, ou seja, a completa interdependência entre os níveis local e regional (FRANCHETTO; HECKENBERGER, 2001; GUERREIRO, 2016). A partir dessa figura do lutador campeão, outras camadas são colocadas saindo de um nível individual para um coletivo, transferindo emoções que se reverberarão nas relações entre os coletivos torcedores formados.

As expectativas e frustrações que associam lutadores e torcedores, e as maneiras como se transferem tais emoções durante os combates rituais, constroem esse caminho do individual ao coletivo e, também do coletivo ao individual. Essas seriam as matrioskas alto-xinguanas, a ideia de que a parte já contempla e completa o todo. E como levar isso ao plano do torcer? Por meio das diferentes configurações rituais, ancoradas no parentesco, ou seja, são partes que em si já são totalidades, mas que pelas relações de parentesco se sobrepõem e formam outras totalidades.

Então, temos o núcleo familiar, que produz campeões (a ideia de casa), cujas associações em torno de um chefe promovem uma aldeia, e que pelas relações de parentesco formam os times de luta que, por sua vez, formam associações torcedoras contextuais entre o conjunto de casas e mais o conjunto de outras aldeias relacionadas por meio do parentesco entre os falecidos e os homenageados. Tais campeões e suas respectivas torcidas se defrontarão contra outros formados a partir das mesmas relações, ou ainda, por sobreposições que, como bonecas matrioskas, informam aqueles níveis já mencionados.

Portanto, o que se passa com as relações que envolvem o universo torcedor na luta alto-xinguana está diretamente atrelado ao contexto de produção de alianças para a luta dentro do complexo regional. Escolher lutadores adversários é, em certa medida, escolher torcedores, o que os aproxima da nossa perspectiva do olhar jogado e jogar olhado dado o imbricamento de ambos os processos: formação de lutadores desde o otomo e formação de torcedores desde as alianças. Nesse sentido, torcer também se revela menos pela suposta instância de uma subjetividade fugidia (torcer como forma apenas recreativa, pessoal ou militante) afastada do lutar (jogar) para assumir um ato de decisão de acordos políticos mais lábeis frente às possibilidades das disputas reveladas nas relações interétnicas expressivas em torno da chefia.

Os efeitos nas torcidas é que rivais em um egitsü podem torcer juntos por seus antigos adversários no evento seguinte, sendo que o comportamento torcedor será o mesmo, gritar a vitória ou chamar o empate. Apesar dessa variedade, aqueles que fazem parte de uma mesma torcida, num evento específico, irão torcer para seu lutador, mesmo que ele não seja do mesmo povo ou aldeia que o torcedor. Essa associação entre lutador e torcida promove identificações imediatas, marcadas pelo tempo/espaço ritual, que rompem os limites das aldeias, étnicos, linguísticos. Dito de outro modo, é como se esse processo estabelecesse a conexão necessária entre o jogar e o torcer, ancorado num sistema marcado pela variabilidade étnica e linguística, cujos componentes se associam ou se rivalizam por meio das relações de parentesco.

Retomamos as transformações marcadas na literatura sobre o torcer e a maneira como a pacificação regional alterou as *performances* torcedoras, inclusive, ratificando a posição central dos “olhadores”. Se as torcidas deveriam se abster de quaisquer manifestações por conta dos riscos inerentes que colocavam frente a frente potenciais inimigos, atualmente há uma esportividade nessa participação. Nesse caso, como no futebol ocidental, a disputa entre os lutadores se transfigura numa disputa entre torcidas por meio dos olhadores, promovendo uma variabilidade situacional, um olhar jogado que expande as emoções da luta para as *performances* dos próprios olhadores, que passarão a definir quem foi o vencedor. No contexto alto-xinguano, a manifestação da esportividade do olhar nos leva metodologicamente a equalizar os lutadores (jogar) com os olhadores (torcer) na apreensão etnográfica deste fenômeno etnológico.

Para além dessa transformação performática das torcidas, que se conectam com a prática jogada via a olhada desses olhadores, é importante ressaltar que a variabilidade dos coletivos formados é a marca diferenciadora do universo do torcer relacionado à luta – tema até então não problematizado nos estudos etnológicos voltados para a luta ritual. Aqui também não se trata em separar hierarquicamente jogar e torcer, mas enfatizar a volatilidade de tais perspectivas. Desse modo, voltamos a destacar a importância do parentesco nessa organização dos times de luta, pois, é, por meio dele, que se consolidam também as torcidas. Mas isso não se encerra nessa relação entre donos, aliados e convidados, como veremos a partir da fabricação do corpo do lutador e o papel central das mães, “supertorcedoras”, nesse processo.

2.6 Relações Familiares e Formas de Torcer

No Alto Xingu, torcer, ou fazer parte de uma torcida (*sinhongo*), é poder dizer as coisas que não são ditas no dia a dia. Devido ao comportamento ideal ser ancorado na calma, resiliência, de fala baixa e não direcionada, a “vergonha e o respeito” (*ihütsu*) (BASSO, 1973) imperam nas conversas. Já nos rituais, a torcida se exalta e expressa suas emoções performaticamente. Não somente nas disputas nas lutas, nosso tema principal, mas em outros rituais, as torcidas expressam aquilo que não se fala no cotidiano, seja no jogo do *yawari*, quando se passa a xingar as efígies e os adversários (MENEZES BASTOS, 1993), ou ainda, no *iamurikuma* (MELLO, 2005), quando as mulheres ficam xingando os homens num tipo de inversão sobre a posse das flautas sagradas – ver também Piedade (2004). Mesmo no futebol praticado nas aldeias, a torcida expressa aquilo que não é dito, no caso, sobre acusações e desentendimentos que poderiam implicar brigas e rompimento de relações.

Mais do que isso, torcer nesses momentos é manifestar corporalidades que, fora dos contextos em que são realizadas, provocariam estranhamentos e possíveis acusações e “fofocas”, a ideia da “fala ruim” que mobiliza o sistema da feitiçaria (FRANCHETTO, 1989). Mas durante as disputas rituais, a presença torcedora, mais do que aceita, é esperada, especialmente de determinadas pessoas e suas respectivas posições. São formas de torcer atreladas a domínios performáticos próprios, que incentivam, operam e aceleram determinadas rivalidades.

Um exemplo etnográfico trata das relações entre as mães dos grandes campeões, suas maiores torcedoras, das poucas pessoas que podem, além dos olhadores já mencionados, sem serem constrangidas, ficarem próximas dos combatentes. Elas fazem gestos e corporalidades próprias acusando e difamando os adversários de seus filhos. No caso de derrota por queda brusca do lutador, especialmente quando arremessado, que pode machucar (e muito), elas vão ajudar os filhos a se recompor.

Porém, essa *performance* torcedora não se resume a isso, faz parte de todo um sistema de trocas que, de certo modo, pretende equilibrar os confrontos, especialmente nesses combates em que golpes de arremessos são aplicados. Como esses golpes são os mais comemorados por todos, exaltam os ânimos de quem os aplicam na mesma medida que envergonham aqueles que os sofrem. Por isso, as mães dos lutadores vencedores que realizam esses golpes são instadas a dar uma contrapartida às mães daqueles que foram derrotados. O termo para essa relação é *ihipiüüi*, algo como “pagamento”, isto é, a derrota por arremesso é tão cara que exige uma retribuição, porém, essa prestação não é cobrada ao lutador que aplicou o golpe, mas à sua mãe, aquela que desde o *otomo* foi a principal torcedora responsável pelo zelo, manutenção e fabricação do potencial lutador ainda em reclusão.

Num plano esquemático, é como se quanto mais tempo em reclusão para a fabricação corporal ficar um lutador, maiores serão suas potencialidades na luta, o que significa maiores possibilidades de produzir em combate golpes perfeitos, de arremesso. A cada uma dessas vitórias, as mães desses lutadores vencedores, de fato as que mais comemoram, são instadas a pagar uma retribuição. É como uma inversão das formas competitivas esportivas ocidentais, que partem de um equilíbrio inicial para ao final premiar a desigualdade, o

lado vencedor. No *ihipiüüü* parte-se de diferenças iniciais, as distintas reclusões entre os lutadores, para equilibrar ou mitigar o resultado final, não pela premiação e valorização simbólica exclusivamente pela vitória, senão por intermédio da recompensa material. Geralmente, os pagamentos são feitos por meio de típicos colares de miçangas, usados pelas mulheres, o que demonstra ser essa uma relação entre as mulheres rivais, através dos combates de seus filhos. O que mais uma vez confirma a intrínseca relação entre as *performances* do jogar e do torcer relativas à luta.

Temos, então, um conjunto relacional que envolve desde a sociabilidade mais familiar, doméstica, a consanguinidade como marca do parentesco e fabricação de corpos e formação de pessoas, especificamente na figura do lutador campeão, que será realizado predominantemente sob os cuidados dessa supertorcedora, a sua mãe. E que irá se projetar nas relações interétnicas, no domínio da socialidade, ao enfrentar outros campeões em momentos rituais.

3 Considerações Finais

Nossos esforços empreendidos tentaram deixar claro que a extensão do modelo das relações pretendeu também expandir etnográfica e conceitualmente aquilo que denominamos numa dupla chave: esportividade do olhar e olhares sobre a esportificação. O futebol, modalidade referência em estudos esportivos, e a luta kindene, objeto de pesquisas etnológicas, ambas esferas do jogar, foram tomadas da perspectiva do olhar, que nos oferece extensões da categoria torcer, numa e noutra paisagem

Coube observar que essas modalidades, tanto do jogar quanto do lutar, entram em regimes dialéticos com o torcer, com os torcedores, torcidas militantes, olhadores, supertorcedoras, e demais categorias que os definem. Tratamos de ampliar espacialmente os jogos categoriais – daí o recurso alegórico ou apelo às matrioskas –, associando vários planos e domínios, que não raramente escondem ou revelam relações através de categorias, e categorias por meio de relações, ou jogos categoriais entre elas próprias.

A esportividade do olhar elege a crítica à esportificação epistemologicamente atada ao jogar, tal como o processo civilizatório anunciado nas teses eliseanas. As categorias do torcer, do ponto de vista do jogar no contexto futebolístico, tendem a se associar às categorias universalistas, acompanhando o movimento de expansão da modalidade em torno de um jogar que se pretende cada vez mais comeditizado.

Já as categorias êmicas, apreendidas no domínio do olhar, tensionam tal processo, propiciando olhares diferenciadores sobre a esportificação, interpelando as formas da convenção plasmadas em léxicos que assumem significados legais, jurídicos, estatutários. Nesse caso, as metáforas das experiências torcedoras (bonde, pista, galera) jogam com as noções de público, consumidor etc., aludindo ao seu movimento de acoplamento e desacoplamento, muitas vezes em disputa com a condição genérica amparada pelo simbolismo convencionalizante da esfera do jogar.

No contexto xinguano da luta, devido à organização cerimonial, o parentesco entre os chefes e os falecidos homenageados, sendo que os chefes aglutinam em seus entornos seus povos e seus aliados, os jogos categoriais parecem se estabelecer mais como metonímias

do que metáforas. Praticamente, na luta, inexistem um pertencimento torcedor como o clubístico, presente no futebol. Aí as matrioskas parecem correr em sentido contrário, isto é, de acordo com esse sistema de relações, até se chegar ao que dissemos ser o otomo, o núcleo mais duro do parentesco, intrafamiliar, exemplificado pelas relações entre as mães dos lutadores campeões. Se determinados otomo estão participando conjuntamente com outros, eles vão torcer para seus lutadores em comum. Porém, se no evento seguinte esses otomo estiverem em posições antagônicas, de adversários nos combates, eles irão torcer contra aquele mesmo lutador.

A profusão das “cascas do torcer” está ligada metonimicamente ao parentesco, e essa diversidade é vivenciada de maneiras distintas a cada novo ritual, pois, cada um homenageia falecidos que tinham suas próprias relações. Etnograficamente, é como se torcer para um lutador que hoje é aliado, decorrente do fato de que compõe o mesmo time de luta do torcedor, no evento seguinte, pode ocorrer que se torça contrariamente a esse mesmo lutador. As torcidas são formadas a cada novo ritual e se diferenciam internamente a partir do idioma do parentesco, mas com a decisiva ideia de *tetsualü*, que parte do nível mais restrito, familiar, otomo, até a formação de uma identidade étnica, marcada pelo pluralismo.

Desse modo, as transformações do torcer são tomadas desde os riscos eminentes de animosidades, até a consolidação da *pax xingwana*, mas também marcadas pelas variações do parentesco entre os chefes e os homenageados que se modificam a cada novo ritual. Assim, se quisermos classificar as torcidas dos lutadores alto-xinguanos, que participam ativamente dos desenvolvimentos dos combates por meio de suas próprias *performances*, dessa relação dialética entre lutar (jogar) e olhar, seria como acoplar diversas camadas uma por sobre as outras a partir da diversificada mistura étnica. Embora a prática torcedora seja a mesma, cantar com gritos a vitória de seu competidor ou chamar o empate para encerrar a luta e iniciar a próxima, as composições das torcidas são diferentemente alteradas para dar conta dessas relações de alteridade.

Mas tanto o futebol quanto a *kindene* não exigem, ou incentivam, a existência de seus torcedores apenas pelas razões que, sociologicamente, justificam os primeiros como arrimos anímicos e ou econômicos de um processo inexorável de esportificação do jogar, nem os segundos apenas como subsidiários das alianças políticas, visando a fortalecer a vitória de lutadores e o apogeu dos chefes. Antes disso, ou juntamente com tudo isso, tratam de expandir as formas do torcer em cada contexto de esportividade, conectando dialeticamente olhares, ou torceres, aos princípios do jogar, seja na cultura do futebol, seja na *kindene*, que espetaculariza a luta no seio de um tradicional ritual xingvano.

Nas primeiras seções deste artigo, focamos os “jogos metafóricos” categoriais, que colocaram em evidência disputas por definições do torcer do ponto de vista das categorias presentes no repertório dos torcedores populares, o que resultou num contraste com o processo de esportificação das categorias vindas da perspectiva do jogar, que procuram metonimizar a ideia de torcer como categoria convencionalizante, tomando-a apenas como parte de um todo, o jogar.

Nas seções seguintes, tratamos dos “jogos metonímicos”, atinentes às *performances* do olhar numa paisagem ameríndia, e o modo entusiasmado com que a recepção (o torcer) passou a ser acolhida na luta corporal *kindene*, durante os rituais interétnicos do *egitsü*

no Alto-Xingu. Esse fenômeno nos interessou na medida em que compõe um ritual que tem recebido atenção na forma de uma ludicidade ameríndia de espetáculo, emulando aspectos do torcer análogos às dinâmicas criativas do torcer popular observadas para o caso do futebol.

As metáforas do jogar olhado e olhar jogado nos auxiliaram a buscar as analogias entre o torcer futebolístico, comumente orientado pela chave sócio-histórica da esportificação, e a luta corporal *kindene*, que remete a uma mirada da socialidade ameríndia, interposta pelas relações entre lutadores, olhadores e torcedores. Tanto a esportividade do olhar quanto olhares sobre a esportificação revelaram as tensões estabelecidas entre jogar e torcer como instâncias sensíveis de processos recíprocos.

As categorias do torcer foram apresentadas aqui pelas alegorias em torno de um artesanato lúdico, a *matrioska*, que nos levou ao fulcro deste artigo, que foi elucidar não um processo linear de esportificação, mas etnografias da esportividade, problematizando o caráter universalizante da noção eliseana, esportificação, se tomada como pressuposto de um processo histórico linear e teleológico. Também foi levada em conta a necessidade de centralizar temas e fenômenos lúdicos presentes nas etnografias sobre a produção da socialidade ameríndia.

Referências

- AGOSTINHO, Pedro. **Kwarip**: Mito e Ritual no Alto Xingu. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- ALMEIDA, Mauro. Guerras culturais e relativismo cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 14, n. 41, p. 5-14, 1999.
- BARCELOS NETO, Aristóteles. **Apapaatai**: Rituais de Máscaras no Alto Xingu. 2005. 328p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BARCELOS NETO, Aristóteles. Objetos de poder, pessoas de prestígio: a temporalidade biográfica dos rituais xinguanos e a cosmopolítica wauja. **Mundo amazônico**, [s.l.], v. 3, p. 71-94, 2012.
- BASSO, Ellen. **The Kalapalo Indians of Central Brazil**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973.
- BONFIM, Aira. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 217p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, [1987]1990.
- CARNEIRO, Robert. Quarup: a Festa dos Mortos no Alto Xingu. *In*: COELHO, Vera (org.). **Karl von den Steinen**: um Século de Antropologia no Xingu. São Paulo: EDUSP, 1993. p. 405-429.
- COELHO, Vera (org.). **Karl von den Steinen**: um século de Antropologia no Xingu. São Paulo: EDUSP, 1993.
- COSTA, Carlos. **Ikindene hekugu**. Uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu. 2013. 350p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

- COSTA, Carlos. Política da reclusão: chefia e fabricação de corpos no Alto Xingu. **Revista R@U**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 145-172, 2020.
- COSTA, Carlos. Practices of looking, transformations in cheering: alliances and rivalries in Upper Xinguan wrestling. **Anuário Antropológico**, [s.l.], v. 46, n. 2, p. 254-270, 2021.
- COSTA, Carlos. Artes marciais no Alto Xingu: mito, história e transformações entre guerra e ritual. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 1-30, 2022.
- DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da Universidade IFCH/UFRGS, 2002.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2007.
- DULLEY, Iracema. **Os nomes dos outros**: Etnografia e diferença em Roy Wagner. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2015.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FAUSTO, Carlos. Chefe Jaguar, Chefe Árvore: Afinidade, Ancestralidade e Memória no Alto Xingu. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 653-676, 2017.
- FAUSTO, Carlos. A máscara do animista: quimeras e bonecas russas na América Indígena. In: SEVERI, Carlo; LAGROU, Els. (org.). **Quimeras em Diálogo**: Grafismo e Figuração na Arte Indígena. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 305-331.
- FRANCHETTO, Bruna. Forma e significado na poética oral kuikuro. **Ameríndia**, Paris, n. 14, 1989.
- FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (org.). **Os Povos do Alto Xingu**: História e Cultura. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2001.
- GIULANOTTI, Richard. Supporters, followers, fans, and flaneurs: a taxonomy of spectator identities in football. **Journal of Sport & Social Issues**, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 25-46, 2002.
- GREGOR, Thomas. Uneasy Peace: Intertribal Relations in Brazil's Upper Xingu. In: HAAS, Jonathan (org.). **The Anthropology of War**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 105-124.
- GUERREIRO, Antonio. **Ancestrais e Suas sombras**: uma Etnografia da Chefia Kalapalo e Seu Ritual Mortuário. 2012. 511p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- GUERREIRO, Antonio. Quarup: transformações do Ritual e da Política no Alto Xingu. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, [s.l.], v. 21, n. 2, p. 377-406, 2015.
- GUERREIRO, Antonio. Do que é feita uma sociedade regional? Lugares, donos e nomes no Alto Xingu. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, n. 18, p. 23-55, 2016.
- HUGH-JONES, Stephen; GUERREIRO, Antonio; ANDRELLO, Geraldo. Space-time Transformations in the Upper Xingu and Upper Rio Negro. **Sociologia & Antropologia**, [s.l.], v. 5, n.3, p. 699-723, 2015.
- JUNQUEIRA, Carmen; VITTI, Taciana. O Kwaryp Kamaiurá na Aldeia de Ipavu. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 23, n. 65, p. 133-148, 2009.
- LEA, Vanessa. **Parque Indígena do Xingu**. [S.l.]: Laudo Antropológico, 1997.
- LEVER, Janet. **A Loucura do Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

- MEHINAKU, Mutua. **Tetsualü**: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu. 2010. 221p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2010.
- MELLO, Maria. **Iamurikuma**: música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu. 2005. 335p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- MELO, Victor; BUARQUE DE HOLANDA, Bernardo; MALAIA, João; TOLEDO, Luiz Henrique de. **A torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- MENEZES BASTOS, Rafael. Exegeses Yawalapítí e Kamayurá da Criação do Parque Indígena do Xingu e a Invenção da Saga dos Irmãos Villas Boas. **Revista de Antropologia**, [s.l.], v. 30-31-32, p. 391-426, 1989.
- MENEZES BASTOS, Rafael. A Saga do Yawari: Mito, Música e História no Alto Xingu. *In*: CARNEIRO DA CUNHA, M.; VIVEIROS DE CASTRO, E. (org.). **Amazônia: Etnologia e História Indígena**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1993. p. 117-146.
- MENGET, Patrick. Alliance and Violence in the Upper Xingu. *In*: 77TH ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION. Los Angeles. 1978. **Anais [...]**. Los Angeles, 1978.
- MENGET, Patrick. **Em Nome dos Outros**: classificação das Relações Sociais entre os Txicão do Alto Xingu. Lisboa: Assírio & Alvin, 2001.
- MICELL, Sergio. Norbert Elias e a questão da determinação. *In*: WAIZBORT, Leopoldo (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 113-128.
- MURPHY, Robert; QUAIN, Buell. The Trumai Indians. **Monographs of the American Ethnological Society**, XXIV, New York, v. xii, n. 108, p. in-8, 1955.
- PIEIDADE, Acácio. **O canto do kawoká**: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do Alto Xingu. 2004. 254p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- RANCIÉRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SCHADEN, Egon. Três Exemplos. **Revista de Antropologia**, [s.l.], n. 13, p. 65-152, 1965.
- SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, [s.l.], n. 32, p. 2-19, 1979.
- SIMÕES, Irlan. **Clientes versus rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.
- STEINEN, Karl. Entre os Aborígenes do Brasil Central. **Revista do Arquivo Municipal**, [s.l.], separata, XXXIV e LVIII, 1940.
- TEIXEIRA, Rosana. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Anpocs, 1996.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcer**: perspectivas analíticas em Antropologia das práticas esportivas. 2019. 319p. Tese (Titularidade) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol – releituras**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Indivíduo e Sociedade no Alto Xingu**: os Yawalapítí. 1977. 261p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1977.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana. **Boletim do Museu Nacional**, [s.l.], n. 32, p. 40-49, 1979.

WAGNER, Roy. **Lethal Speech**. London: Cornell University Press, 1978.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

Luiz Henrique de Toledo

Professor titular no departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar. Coordena o LELuS (Laboratório de estudos das práticas lúdicas e de sociabilidade – UFSCar/CNPq), pesquisador sênior do Ludens-USP (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas). Pesquisador PQ do CNPq e é autor de *Remexer anotações: o trabalho de um arguidor antropólogo*. São Carlos: Edufscar, 2019 e *Lógicas no Futebol – releituras*. São Paulo: Ludopédio, 2022.

Endereço profissional: Rodovia Washington Luiz, s/n, km 235, São Carlos, SP. CEP: 13565-905.

E-mail: lhtoledo@ufscar.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5354-5923>

Carlos Eduardo Costa

Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, PPGREC, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Órgão de Educação e Relações Étnicas/ODEERE. Coordena o LELuS (Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade – UFSCar/CNPq).

Endereço profissional: Av. José Moreira Sobrinho, s/n, Jequié, BA. CEP: 45208-091.

E-mail: caecso@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1783-0732>

Como referenciar este artigo:

TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. Transformações do Torcer: esportividades do olhar e olhares sobre a esportificação. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 3, e84360, p. 92-113, setembro de 2022.